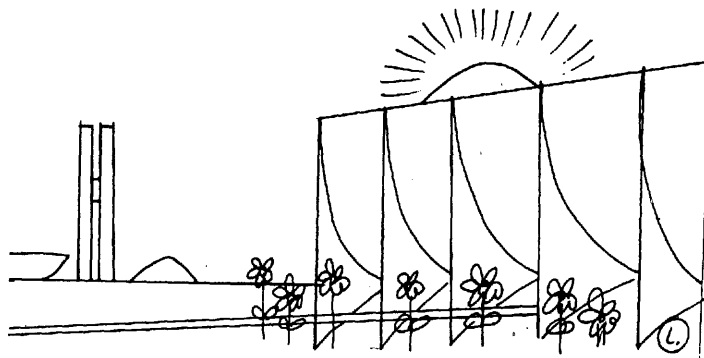


Fé em Sarney

SOBRAL PINTO



Não basta ao presidente José Sarney ter o apoio, leal e firme, das Forças Armadas. O apoio de que ele tem real necessidade, e que é justo que conquiste, é o das principais forças políticas da Nação. O seu governo tem de ser um governo de serenidade, mas de medidas enérgicas, e de enormes sacrifícios, impostos sobretudo pela necessidade da economia nos gastos públicos e nos orçamentos particulares. Os particulares não compreenderão nunca esta necessidade vital de ter uma vida econômica se, neste terreno, o exemplo não vier de cima.

Os membros do Poder Executivo, como os do Poder Legislativo, é que devem abrir mão, com coragem, civismo e patriotismo, dos privilégios de que, ainda agora, estão desfrutando.

Na hora em que eles resolverem adotar uma política de austeridade, a Nação inteira neles depositará a confiança de que têm necessidade para poder bem governá-la.

O jornal **O Estado de S. Paulo**, me fez esta pergunta: Qual a virtude que, no seu entender, deve predominar no ano de 1986? A minha resposta foi categórica: A grande virtude é a da confiança nos seus dirigentes, isto é, nos homens públicos do País. Sem esta confiança eles não estarão em condições de cumprir o seu áspero, duro e difícil dever.

Eu desejo, aqui, formalmente declarar que, até agora, o presidente Sarney mereceu a minha confiança, pela prudência, equilíbrio e bom senso com que tem agido, sempre com firmeza e decisão clara. A razão desta minha confiança é que ele soube governar, durante meses, o Governo Federal, com ministros que não foram de sua escolha. Ele sentiu, com meritória prudência, que assumiu o governo do País numa hora verdadeiramente dramática, e em face de uma Nação traumatizada pela morte do estadista no qual pusera toda a sua esperança, e reconheceu que não poderia organizar um ministério novo. A sua atuação, nessa hora, foi a de um político realmente hábil e conhecedor profundo da alma humana. Conhecimento este que ele deve, no

meu entender, à sua condição de artista da palavra.

É possível que, nesta hora, ele esteja pensando em modificar o quadro do seu governo, escolhendo políticos que estejam em perfeita sintonia com a sua orientação como administrador do País. Se vier a modificar o seu Ministério, espero que agirá com o mesmo bom senso, a mesma prudência, e o mesmo equilíbrio com que tem atuado até este momento.

A confiança que o presidente Sarney fez crescer em mim, a respeito da sua atuação como Primeiro Magistrado do País, nasceu por força das qualidades que acima focalizei, todas elas alheias a sentimentos subalternos, muito próprios da vida política nas horas difíceis que a Nação atravessa. Es-

pero que se ele vier a modificar a equipe de seus auxiliares, não me faça descreer da confiança que até agora nele depositiei.

Entretanto, urge não esquecer que o presidente Sarney, por si só, não pode alcançar o resultado de bem governar a Nação, por suas só qualidades pessoais. É indispensável que os partidos políticos, que não toleram agitações inúteis da opinião pública, se comportem de baixo da mesma orientação, deixando-se levar tão somente pelo bem comum do povo brasileiro; abandonando os interesses mesquinhos de políticos alheios à estabilidade do Governo e à necessidade de aceitar os sacrifícios e as renúncias que as dificuldades econômicas e financeiras criaram ao desenvolvimento de toda a Nação. Os partidos políticos que quiserem contribuir para a solução dos problemas graves do País não podem estar olhando tão somente para os seus interesses eleitorais, no próximo ano de 1986. Esses interesses têm de estar conjugados com o bem comum da sociedade. Não há que pensar neste ou naquele político, ambicioso ou agitador. Todos têm o dever de pensar unicamente nas grandes dificuldades econômicas, financeiras, sociais e administrativas que o Governo Federal está enfrentando, nesta hora de angústia, mas também de esperança.